

Design & envelhecimento: Desafios e urgência para qualidade de vida de uma sociedade em transformação

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.010-006>

Ilma de Oliveira Gomes

Graduada em Ciências Biológicas
Instituição Acadêmica: Fundação Técnico educacional
Souza Marques, FFCL, Brasil
E-mail: ilmadeoliveiragomes@gmail.com

Rita Maria de Souza Couto

Dra., Professora Emérita do Departamento de Artes e Design
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio

RESUMO

Este artigo pretende analisar o impacto do envelhecimento populacional na sociedade e foi orientado pela convicção do papel fundamental que o Design Social pode desempenhar na promoção da qualidade de vida e bem-estar dos idosos. O envelhecimento da população é uma realidade global que traz consigo desafios e oportunidades significativas para as políticas públicas, a economia e a sociedade como um todo.

Com o aumento da expectativa de vida e a diminuição da taxa de natalidade, o perfil demográfico das sociedades está mudando rapidamente, com um número cada vez maior de longevos. Esse fenômeno apresenta novos desafios, como a necessidade de adaptar os sistemas de saúde, de previdência social e planejamento urbano para atender às necessidades específicas dos seniores.

Além dos desafios estruturais, os idosos enfrentam barreiras, como a discriminação baseada na idade e a exclusão social. O estigma associado à velhice muitas vezes limita as oportunidades de participação e contribuição desse grupo na sociedade, o que pode levar a um maior isolamento e deterioração da saúde mental e emocional.

Nesse contexto, o Design Social emerge como uma ferramenta poderosa para promover a inclusão e o respeito aos idosos facilitando a participação ativa na vida comunitária, promovendo a conexão em grupo, o senso de pertencimento valorizando a contribuição dos idosos para a sociedade com dignidade. O Design Social pode e deve ser uma ferramenta essencial nesse processo, ajudando a construir um futuro mais inclusivo e sustentável para todas as gerações.

Palavras-chave: Design social, Envelhecimento populacional, Idoso, Qualidade de vida.

1 INTRODUÇÃO

No mundo todo se evidencia o processo de envelhecimento populacional com os maiores de 60 anos constituindo a parcela da população que mais cresce. Estima-se que em 2050 nosso planeta tenha um número maior de seniores do que crianças. Seremos dois bilhões de pessoas com mais de 60 anos, representando 20% da população mundial. Uma população torna-se mais idosa à medida que aumenta a proporção de indivíduos idosos e ocorre uma menor taxa de fecundidade. Estamos vivendo e viveremos mais do que até recentemente ocorria em todo o mundo.

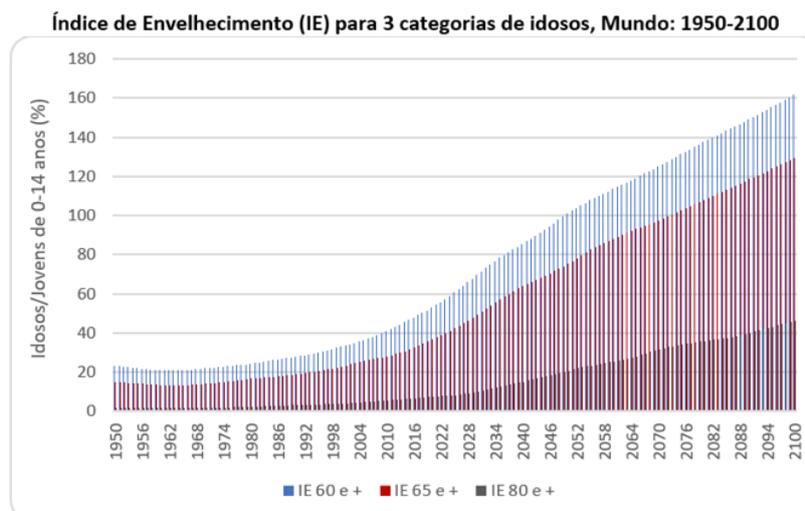
Atualmente no Brasil podemos vivenciar um novo paradigma demográfico com acelerado envelhecimento e um aumento da expectativa de vida. Nosso país encontra-se em estágio de transição, tanto de dados relativos à fertilidade, como mortalidade, trazendo uma mudança da distribuição etária e do tamanho da população. Enquanto a população de idosos com idade acima de 60 anos aumenta em velocidade acelerada, a população jovem diminui. Ao longo do tempo a base da pirâmide etária foi se estreitando devido à redução da fecundidade, e essa mudança no formato passa a ser visível a partir dos anos 1990, perdendo claramente seu formato piramidal a partir de 2000, onde os jovens pertenciam a uma base larga da pirâmide e os idosos no topo com um menor número de representantes.

Vários fatores foram evidenciados para essa mudança no contexto populacional de idosos no mundo todo: mudanças na alimentação com hábitos mais saudáveis, estilo de vida com prática de exercícios, melhorias na tecnologia e na medicina, prevenção de doenças através de campanhas de vacinação, como também programas de prevenção de doenças crônicas resultando no aumento da expectativa de vida desse grupo.

No livro “País Jovem com Cabelos Brancos” (VERAS, 1994), nos aponta que no Brasil existe uma necessidade urgente de informações mais confiáveis sobre sua própria população idosa. Nos alerta também, que apesar do país já possuir uma grande população de idosos, sabe-se muito pouco a seu respeito e afirma, que os dados demográficos ainda apresentam muitas peculiaridades que precisam ser consideradas em maior profundidade. Na mesma obra, a Professora de Psicogeriatrics, Eliane Murphy nos esclarece que o Brasil é hoje um país que sofre enormes mudanças, onde precisamos estar cientes da necessidade urgente de planejar um futuro no qual os problemas da velhice serão cada vez mais importantes, sendo fundamental realizar levantamentos da população em geral para esclarecer suas necessidades.

Não poderemos mais omitir a importância e participação desses longevos no atual e futuro contexto da sociedade. São pessoas com uma visão positiva do envelhecimento, ativas, que valorizam oportunidades e possibilidades de novas conquistas e principalmente preocupados em viver mais e melhor.

Figura 1: Prospecção da população idosa no mundo. Fonte: <https://population.un.org/wpp2019>, 2019.



2 METODOLOGIA

Utilizando uma pesquisa qualitativa exploratória e descritiva, este artigo buscou compreender o significado que indivíduos ou grupos atribuem ao problema social do envelhecimento. A pesquisa se baseou na interpretação do mundo e nos dados coletados de fontes bibliográficas e documentais, predominantemente descritivos.

O foco principal do estudo foi o Design Social e sua relação com a inclusão social de idosos através da criação de espaços públicos e sociais acessíveis, funcionais e agradáveis. A abordagem interdisciplinar e participativa do design desempenhou um papel fundamental, demonstrando a possibilidade da troca de ideias, saberes, experiências e vivências entre diferentes gerações.

3 ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO

O novo paradigma do envelhecimento populacional e a revolução da longevidade vem se tornando cada vez mais evidente em todo o mundo, com um aumento significativo na expectativa de vida das pessoas e uma diminuição na taxa de natalidade. Isso tem levado a uma mudança na estrutura etária das populações, com um aumento no número de idosos em relação aos jovens. Com esse crescimento contínuo, em 2050, pela primeira vez na história, o planeta terá mais idosos do que crianças com menos de 14 anos.

Nos países desenvolvidos o aumento da expectativa de vida já vem acontecendo há muitos anos. No período de 2010 a 2015 essa expectativa passou de 78 anos, enquanto nos países em desenvolvimento aumentou para 68 anos. A projeção é de que de 2045 a 2050 esse quadro mudará para 83 anos nas regiões desenvolvidas e 74 anos naquelas em desenvolvimento. O aumento do número de idosos é um fenômeno mundial que acontece em ritmo acelerado, impulsionado pelo envelhecimento da população e pelos avanços da medicina e da qualidade de vida.



O envelhecimento populacional é um conceito que mensura a proporção de idosos na população, enquanto a longevidade, de acordo com o dicionário Houaiss, significa “duração da vida mais longa que o comum”. Etimologicamente, a palavra longevidade deriva do termo latino “longevitas”, capacidade de viver muitos anos. Ambos os termos têm despertado crescente interesse na sociedade contemporânea. De acordo com o critério estabelecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), considera-se como idosos aqueles indivíduos com mais de 65 anos em países desenvolvidos e com mais de 60 anos em países em desenvolvimento. No entanto, é importante ressaltar que a longevidade pode ser influenciada por uma série de fatores, tais como genética, estilo de vida, ambiente, alimentação, atividade física e condições de saúde em geral. Em seu discurso, na II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, promovida pela ONU, em Madri de 8 a 12 de abril de 2002, o então secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, destacou a importância de se abordar e compreender a longevidade como um fenômeno complexo e multifacetado.

As pessoas idosas não são uma categoria à parte. Todos envelheceremos algum dia, se tivermos esse privilégio. Portanto, não consideremos os idosos como um grupo à parte, mas, sim, como a nós mesmos seremos no futuro. E reconheçamos que todos os idosos são pessoas individuais, com necessidades particulares, e não um grupo em que todos são iguais porque são velhos. (KOFI ANNAN, 2003, p.13)

Os americanos cunharam a expressão "agequake", que poderíamos traduzir como "terremoto demográfico". (MAZZAFERRO, BERNHOEFT, 2016, p.1). De fato, a longevidade é um fenômeno sem precedentes para a humanidade. Estamos vivendo e viveremos mais do que ocorria recentemente em todo o mundo, sendo essa realidade uma das maiores conquistas da humanidade.

Para Kalache, médico especializado no estudo do envelhecimento e Presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-Brasil), viveremos 30 anos mais do que nossos avós e o que vem acontecendo é de fato uma revolução – a Revolução da Longevidade (KALACHE, 2015).

Revolução é o colapso da ordem social em favor de um novo sistema ...A revolução da longevidade nos força a abandonar as noções existentes de velhice e de aposentadoria. Essa construção social é simplesmente insustentável diante do incremento de 30 anos de vida (KALACHE, 2015, p.14).

Chegamos a um estágio em que precisamos, definitivamente, abandonar estereótipos dos velhos como doentes, dependentes, vulneráveis e inúteis. Não podemos mais identificar o idoso com uma visão extremamente pejorativa. Pictogramas com figuras frágeis curvadas sobre bengalas são inaceitáveis.

O Projeto de Lei do Senado número 126 de 2016, altera a Lei número 7.045, de 12 de novembro de 1985, para dispor sobre o símbolo desprovido de caráter pejorativo na identificação do idoso.



Fonte: <https://www12.senado.leg.br/materias/2018/04/25> Acesso em 26/07/2023

Mirian Goldenberg, antropóloga e pesquisadora, aponta os aspectos positivos e os ganhos no processo da longevidade e demonstra que a velhice pode ser um período marcado pela liberdade e felicidade. Afirma que essa fase da vida não pode ser tratada mais como perdas, mas principalmente de conquistas, realizações, novas experiências e projetos. (GOLDENBERG, 2013)

De acordo com a autora, somos livres para escolher e construir nosso próprio projeto de vida. Temos a liberdade de modificá-lo em diferentes momentos de nossa existência, com o objetivo de dar um significado adequado, produtivo e com mais qualidade de vida mesmo em nossa velhice. Goldemberg ressalta a importância de toda a sociedade se preparar para receber esse novo perfil de idosos, com respeito e sem preconceitos.

4 O NOVO PARADIGMA DEMOGRÁFICO BRASILEIRO

De acordo com o documento “Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafios” (2012), a população é classificada como em processo de envelhecimento quando as pessoas idosas se tornam uma parcela proporcionalmente maior da população total. Entretanto, VERAS (1994) nos alerta indicando que o envelhecimento da população não se deve apenas à redução da mortalidade, mas também à diminuição das taxas de fertilidade. A expectativa de vida tem aumentado devido ao desenvolvimento social, econômico e de saúde das nações, o que resultou na prevenção de muitas mortes causadas por doenças infecciosas e parasitárias.

Através do Censo realizado em 2022, verificamos o significativo aumento da população mais velha. O índice de envelhecimento considerando-se a população com 60 anos ou mais chegou a 80,0, com 80 pessoas idosas para cada 100 crianças de 0 a 14 anos. Em 2010 esse índice correspondia a 44,8. O Censo nos trouxe a realidade de pessoas com 60 anos ou mais chegando a 15,6% da população, um aumento de 56,0 em relação a 2010, quando era de 10,8, como também o aumento da expectativa de vida em média 75,5 anos.

Nesse cenário, observamos mudanças na demografia brasileira nas últimas décadas, notadamente quanto à inversão da pirâmide etária, com a prevalência de maior número de idosos. Ao



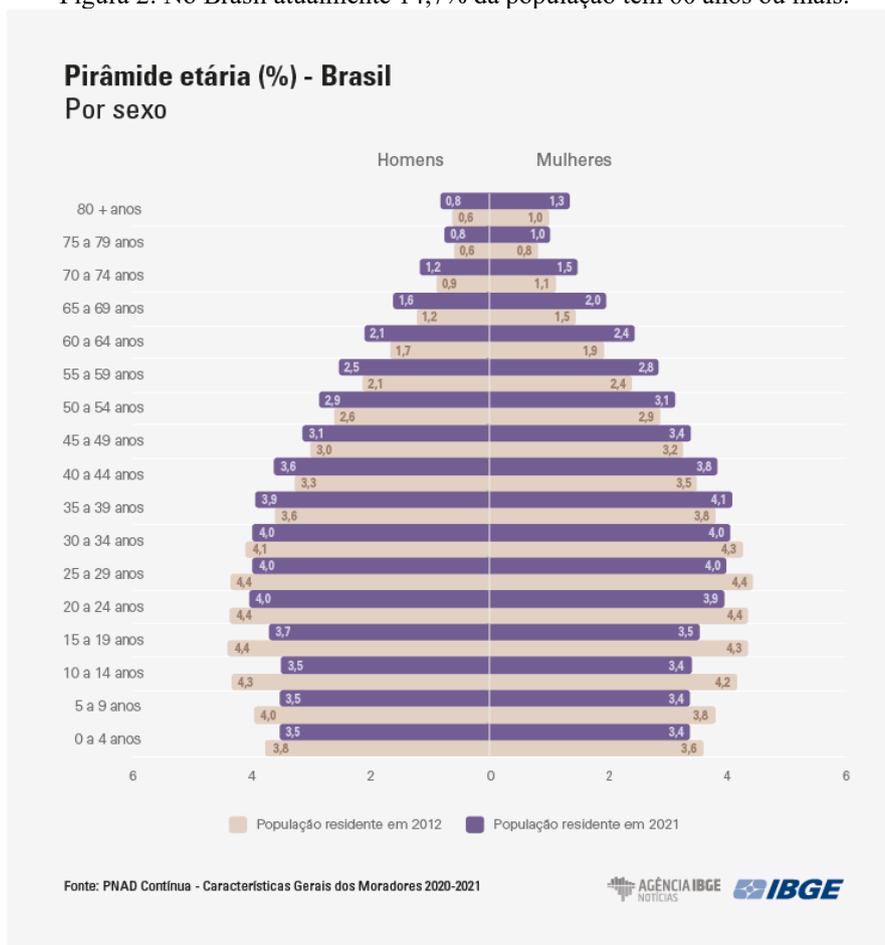
longo do tempo a base da pirâmide etária foi se estreitando também devido à redução da natalidade. A partir dos anos 1990 essa mudança passa a ser mais visível e a pirâmide etária do Brasil perde, claramente, seu formato piramidal a partir de 2000.

O último Censo, realizado em 2022, nos retrata evidências apontadas há muito tempo por estudiosos da área, como Ana Amélia Camarano que tem como linha de pesquisa a demografia com ênfase em envelhecimento populacional e em seu livro “Muito além dos 60” já fazia a previsão de que os 60+ atingiriam 28,5 milhões em 2020. A autora já alertava para as consequências desse aumento da população idosa, onde os desafios apareceriam para o Estado, a sociedade e a família.

(...) Sabe-se que ainda há muito espaço para o declínio na mortalidade de idosos e o aumento da esperança de vida. Por exemplo, se todas as causas de morte de idosos consideradas evitáveis forem eliminadas, a esperança de vida aos 60 anos de idade aumentaria cerca de 7,2 anos. Isso significa que aos 60 anos de idade, um homem poderá viver mais 29,2 anos e uma mulher 30,9 anos (CAMARANO, KANSO, 2010, p.95).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística (IBGE), em números absolutos, o contingente de idosos passou de 22,3 milhões para 31,2 milhões, crescendo 39,8% entre 2012 e 2021. Em 1980, a expectativa de vida era de 62,6 anos, saltando para 76 anos em 2018. Some-se a isso o fato de estarmos passando por uma redução gradativa da taxa de fecundidade: de 4,1 em 1980 para 1,7 em 2015, com uma estimativa que em 2030 haverá mais idosos do que crianças. “Em menos de 50 anos, pela primeira vez na história, o mundo terá mais pessoas acima de 60 anos que pessoas com menos de 15 anos”. (PESSINI, 2005, p.38 – 39).

Figura 2: No Brasil atualmente 14,7% da população tem 60 anos ou mais.



Fonte: IBGE https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101957_informativo.pdf Acesso em 05/03/2024.

Estamos em um momento em que o envelhecimento da população e o aumento da expectativa de vida desafia tabus em relação à velhice e as novas relações do idoso com a sociedade. Em nosso país, é fundamental e urgente, a necessidade de informações, serviços e projetos para a população idosa. Apesar de já possuímos uma grande população de idosos sabemos pouco a esse respeito e muitas pesquisas, erroneamente, ainda consideram o Brasil como um país de jovens.

O Brasil é um país sem memória. Desvaloriza o passado e sua trajetória. E segue acreditando que é um país de jovens, reforçando o mito da eterna juventude, muito distante da realidade. Somos um dos três países que está envelhecendo mais rapidamente no mundo e o que mais pratica o negacionismo. O país mantém o triste recorde de ser o campeão mundial em cirurgias estéticas desde 2019 (CASTRO, CASTRO, 2022, p. 141).

Portanto, é crucial reconhecer a magnitude do envelhecimento populacional e as transformações que ele acarreta. É necessário investir em áreas como saúde, bem-estar, infraestrutura, mercado de trabalho e inclusão social, a fim de garantir um futuro sustentável e de qualidade para as gerações mais velhas. O caminho para lidar com essa revolução demográfica é desafiador, porém, ao adotarmos uma abordagem integrada e humanizada, poderemos transformar o envelhecimento populacional em uma oportunidade de crescimento, inclusão e desenvolvimento para toda a sociedade.

5 DESAFIOS DO NOVO PADRÃO DE ENVELHECIMENTO

Segundo Camarano e Medeiros (1999), o envelhecimento de um indivíduo está associado a um processo biológico de declínio das capacidades físicas, relacionadas a novas fragilidades psicológicas e comportamentais. Então, o estar saudável deixa de ser relacionado à idade cronológica. Para os autores, envelhecer passa a ser entendido como a capacidade e motivação física e psicológica para continuar na busca de objetivos e de novas conquistas. Envelhecer não significa necessariamente adoecer. A menos que exista doença associada, o envelhecimento está relacionado a um bom nível de saúde. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), o envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade e também um dos grandes desafios a ser enfrentado pela sociedade: *Apesar de parecer óbvio, o reconhecimento do aumento da longevidade é uma das maiores conquistas sociais deste século* (OMS, 2005).

Para Dra. Margaret Chan, então Diretora-Geral da Organização Mundial da Saúde (2015), a perda de habilidades comumente associada ao envelhecimento na verdade está apenas vagamente relacionada com a idade cronológica das pessoas. Não existe um idoso “típico”. As necessidades de saúde de adultos, como a diversidade de suas capacidades, ocorrem ao longo de todo curso de vida e frequentemente são modificáveis, ressaltando a importância para entendermos o processo de envelhecimento. Ela nos alerta que, embora a maior parte dos adultos apresente múltiplos problemas de saúde com o passar do tempo, a idade avançada não implica em dependência. (CHAN, M., OMS - Envelhecimento e Saúde, 2015, p.3)

O envelhecimento precisa ser examinado mais de perto no contexto de outras tendências importantes, como a urbanização, a globalização, a migração, a inovação tecnológica, assim como as mudanças climáticas e ambientais. Além disso, a crescente desigualdade, entre as regiões e dentro delas, precisa ser abordada de forma mais abrangente no contexto do envelhecimento populacional. (Centro Internacional de Longevidade Brasil – ILC-Brasil – 2015).

Como sabemos, o continente europeu, em relação ao Brasil, teve mais tempo e condições melhores para se preparar para mudança demográfica em relação ao envelhecimento de sua população. Desenvolvimento, urbanização e bons níveis de escolarização foram significativos para melhorias na qualidade de vida, o que proporcionou a esse continente uma região com os maiores índices de esperança de vida ao nascer. Segundo dados do Banco Mundial (World Bank), entre os 10 países com as melhores médias de expectativa de vida, 5 são europeus. Embora tenha ocorrido simultaneamente ao desenvolvimento econômico e social, a transição na Europa rumo a uma sociedade mais justa para todas as idades, ainda apresenta desafios significativos.

Em relação ao Brasil, estamos diante de questões muito mais desafiadoras, onde a transição etária aconteceu em um curto espaço de tempo sem que ocorresse desenvolvimento econômico, social e na área da saúde, com um agravante, pois como sabemos, o Brasil possui uma distribuição, tanto de

renda como de serviços sociais notadamente injusta. “Numa cidade em que as pessoas vivem em favelas superpovoadas, a velhice será uma experiência distinta se comparada à vivenciada em uma cidade com serviços adequados e de casas confortáveis.” (VERAS, 1994, p.26)

Devemos considerar muitas dificuldades em relação a esse enorme contingente de idosos que teremos na sociedade. Enfrentaremos problemas nos sistemas de saúde e previdência social. Apesar de já termos alcançado avanços no campo da medicina, em relação à tecnologia com exames e diagnósticos mais precisos, sabemos que é na velhice que surgem as doenças e problemas em virtude da idade. Nesse sentido é fundamental, em relação ao sistema de saúde, a necessidade de uma organização assistencial contínua e multidisciplinar, assegurando a realização de ações e serviços que promovam segurança, qualidade de vida e o bem-estar da população idosa de forma integral e permanente.

Os sistemas de saúde terão de fazer frente a uma crescente demanda por procedimentos, diagnósticos e terapêuticos de doenças crônicas não transmissíveis, principalmente as cardiovasculares e a neurovegetativas, e a uma demanda ainda maior por serviços de reabilitação física e mental (LIMA e VERAS, 2003). Outro aspecto importante é prevenção, uma vez que ações preventivas são efetivas em qualquer fase da vida, inclusive nos estágios mais avançados. Portanto, “um modelo de cuidado à saúde do idoso que pretenda ser efetivo e eficiente deve fortalecer todos os níveis de prevenção”. (VERAS, 2009). “É fundamental investir em ações preventivas ao longo de toda a vida, pois elas têm o potencial de resolver desafios de hoje, bem como os futuro”. (KALACHE, 2008).

É importante ressaltar que, além dos profissionais de saúde, o Estado e a sociedade devem estar envolvidos e direcionar ações com um enfoque abrangente em relação à habitação, educação, previdência e cultura, uma vez que o papel do idoso na sociedade atual é diferente.

De acordo com Debert (1999), é importante adotar uma postura crítica em relação às visões positivas associadas ao envelhecimento na sociedade. Ela argumenta que é possível encarar o processo de envelhecimento como uma fase da vida que pode ser prazerosa e gratificante, proporcionando a oportunidade de realizar projetos e alcançar ambições pessoais. E como nos esclarece (MAZZAFERRO e BERNHOEFT, 2016), despertar o pensamento crítico é essencial para nossa construção individual, para entender nossos papéis, enfrentando os desafios propostos, não nos impedindo de realizar novos projetos de vida.

Apenas com uma visão universalizada sobre a necessidade de recursos e serviços para os idosos é que poderemos promover um envelhecimento ativo. Conforme argumentado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), idosos ativos e saudáveis consomem menos recursos. O envelhecimento ativo está relacionado a uma vida saudável, participativa e com segurança social.

Relevante ressaltar também a questão da dificuldade de inserção dos idosos no mercado de trabalho. De acordo com Simone de Beauvoir, escritora e filósofa francesa, a sociedade moderna

competitiva valorizadora da funcionalidade e beleza dos corpos, é responsável pelo afastamento dos velhos do mercado de trabalho. Em seu livro “A Velhice” publicado em 1970, denunciava a maneira como os idosos eram discriminados, nos fazendo refletir que apesar dos preconceitos da sociedade os idosos ainda sentiam as mesmas paixões que os mais jovens. “Vivemos em uma sociedade na qual o valor do indivíduo adulto é medido pela sua produção”. (MAZZAFERRO, BERNHOEFT, p. 84, 2016).

Hoje, ao completarmos 60 anos, somos ativos, criativos, com sonhos e desejos, porém passamos a pertencer ao mundo dos “velhos”, “idosos”, “terceira idade” ou qualquer das nomenclaturas pelas quais são reconhecidos no Brasil e no mundo. E o temor nasce daí: Como ser rotulado como não produtivo na modernidade onde o que vale é alta produtividade? Como seremos felizes no momento que além de não sermos altamente produtivos, estamos excluídos do mundo da produção? (MAZZAFERRO, BERNHOEFT, p. 85, 2016)

Ao analisar a tabela abaixo, é possível constatar que desde 2014, a parcela de pessoas com idade entre 50 e 69 anos que busca por emprego já apresentava uma proporção relevante em comparação aos mais jovens.

Tabela 1: Percentual de desemprego. Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2014. Nota: sem estimativa para maiores de 70 anos.

<i>Percentual estimado de população desocupada (desempregados procurando emprego) por faixa etária e Sexo. BRASIL, 2014</i>			
<i>Faixa etária</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	<i>Total</i>
15 a 19 anos	18,6	27,9	22,5
20 a 24 anos	10,3	16,8	13,2
25 a 29 anos	5,8	11,5	8,3
30 a 34 anos	4,0	8,1	5,9
35 a 39 anos	3,3	6,3	4,7
40 a 44 anos	2,9	5,7	4,1
45 a 49 anos	2,7	4,0	3,3
50 a 59 anos	2,5	3,2	2,8
60 a 69 anos	1,8	2,0	1,9
Total	5,2	8,7	6,7

Segundo Paes, Mendonça e Santos (1999), com a população brasileira formada por cerca de 54 milhões de pessoas com 50 anos ou mais, 26% da população, não podemos falar em futuro de trabalho relacionado somente à juventude. A sociedade e o poder público precisam estar aberto a um novo olhar sobre os idosos que desejam e necessitam entrar no mercado de trabalho de forma digna e sem preconceitos. Características como produtividade e empregabilidade declinam com a idade a partir de

um determinado momento do ciclo de vida, que em geral ocorre em torno dos 60 anos. Observa-se, também, que depois dos 45 anos de idade as chances de conseguir emprego de executivo são mínimas. De acordo com Terzian (2006), para funções executivas, a idade avançada pode sofrer discriminação havendo um “prazo de validade” (grifo meu).

Apesar de suas variantes e especificidades, trabalhar para os idosos pode significar uma renda mais elevada, bem como autonomia física e mental e maior integração social. Segundo um estudo da FGV (Fundação Getúlio Vargas), estima-se que em 2040, 57% da força de trabalho do país terá 45 anos ou mais. Nesse sentido, é essencial que a sociedade, o poder público e as empresas estejam preparadas para o futuro do mercado de trabalho e para a promoção de relações intergeracionais dentro das organizações. Ao reconhecermos os benefícios da inclusão de pessoas acima de 50 anos e ao promovermos a união de diferentes gerações, evitaremos problemas futuros de escassez de mão de obra. Além disso, essa diversidade geracional traz consigo conhecimentos e experiências valiosas, que podem contribuir para uma maior eficiência e eficácia no ambiente de trabalho.

É fundamental, portanto, investir em políticas de inclusão e em programas de reciclagem e capacitação para profissionais mais experientes. Oportunidades de trabalho flexíveis e adaptáveis às necessidades dos idosos também devem ser consideradas, a fim de garantir a permanência e o engajamento desses profissionais no mercado de trabalho. “Os empregadores poderiam valorizar os idosos como consultores e treinadores, que teriam oportunidade de passar suas experiências aos mais jovens” (FRANÇA, 1999, p.15). Em suma, ao reconhecer e valorizar o potencial dos trabalhadores mais velhos, estaremos não apenas proporcionando benefícios individuais, como renda e autonomia, mas também contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do país. A diversidade geracional é uma vantagem que precisa ser explorada e cultivada por todas as partes envolvidas para criar um mercado de trabalho mais inclusivo e resiliente.

6 UMA ABORDAGEM DO DESIGN E O ENVELHECIMENTO

O design por ser interdisciplinar incorpora conceitos, métodos e abordagens de várias áreas diferentes, como arte, ciência, tecnologia, psicologia, sociologia, antropologia, entre outras. O design de envelhecimento é uma área do design que se concentra em criar soluções específicas para atender às necessidades das pessoas idosas. Com o envelhecimento da população em muitos países, torna-se cada vez mais importante projetar produtos, serviços e ambientes que sejam inclusivos e acessíveis para os idosos.

O designer deve estar atento ao público idoso não apenas pelo fato de ele estar em crescimento e apresentar oportunidades claras de atuação, mas também para ter conhecimento das necessidades e desejos desse grupo crescente em nossa sociedade. Criar produtos que atendam às necessidades dos idosos, como dispositivos médicos, equipamentos de mobilidade, mobiliário ergonômico e tecnologias

assistidas, não deve ser uma preocupação única do design. Sabemos que o design, através de suas experiências e visões possui a capacidade de colaborar para soluções mais abrangentes e integradas para os problemas e desafios contemporâneos. Como aponta Damazio, Ceccon e Pina (2017).

O Design tem o potencial de atender demandas de toda a ordem do público com mais de 60 anos e deve agir com urgência. Para tanto é crucial a combinação de técnicas de pesquisa qualitativa de modo a identificar o que busca esse público tão diverso e crescente. É crucial também, consultá-los e envolvê-los na idealização, construção e avaliação de todas as etapas do processo projetual. (DAMAZIO, CECCON, PINA, 2017, p. 46)

Ainda sobre a obra das autoras, “Design emocional para maiores de 60: contribuições para se viver mais e melhor, podemos destacar sete diretrizes do design emocional em prol da qualidade de vida do público com mais de 60 anos: Design para afirmação da identidade; Design para a renovação da sociabilidade; Design para a revitalização da cidadania; Design para o bem-estar; Design para o autocuidado (ou resiliência); Design para a diversão e Design para o aprendizado.

A importância de unir o Design a outras áreas de conhecimento, como por exemplo, a sociologia e a psicologia, relacionando-as ao envelhecimento é de suma importância para explorar a necessidade da representatividade dos idosos na sociedade e os estereótipos e preconceitos associados à idade como também entender os problemas enfrentados por esse grupo em relação às mudanças físicas e cognitivas. Dorea, 20202, nos afirma que o idadismo, implícito ou explícito, permeia diversos setores da nossa sociedade nos impedindo de ver os idosos como parte ativa e representante do nosso curso de vida.

Vitor Papanek (1985), em sua obra “Design para um mundo Real”, defendia a ideia de que os designers tinham o dever de melhorar a qualidade de vida do homem. Os projetos deveriam ser pensados em função das necessidades reais do indivíduo, da coletividade e da sociedade. Em termos práticos, design responsável significa projetar para as necessidades das pessoas, em vez de seus desejos. Afirmava que os designers deveriam aplicar seus conhecimentos técnicos e habilidades criativas para melhorar a qualidade de vida das pessoas, em vez de apenas criar objetos bonitos e comerciais. Ao questionar a ética do design tradicional, Papanek abre caminho para uma nova abordagem na qual o design não serve apenas para criar produtos esteticamente agradáveis, mas sim para promover a inclusão, a sustentabilidade e o bem-estar social, contribuindo significativamente para o debate sobre o papel do design na construção de um mundo melhor e mais justo. Por sua vez, Kuyper (1995) argumenta que o design é uma arte social que nasceu como uma nova profissão, separando a arte de dar forma da arte de fazer coisas e conclui que sem o contexto social o design não existe.

Ezio Manzini (2008), defende as inovações sociais a partir de contextos participativos e colaborativos e afirma que os especialistas em design devem proporcionar condições favoráveis para que os protagonistas sociais possam colaborar no desenvolvimento de soluções adequadas às suas necessidades. Segundo o autor, essa abordagem colaborativa e centrada no usuário é fundamental para

garantir a eficácia e a relevância dos projetos de design. Além disso, ele ressalta a importância de se considerar as diferentes perspectivas e contextos dos usuários durante o processo de criação, a fim de garantir a inclusão e a diversidade nessas soluções. Desta forma, o design participativo e centrado no usuário proposto por Manzini surge como uma abordagem inovadora e indispensável para a criação de soluções significativas e impactantes nesta área. Em sua obra “Design para inovação social, Manzini descreve:

Serviços colaborativos são serviços onde os usuários finais estão ativamente envolvidos, assumindo o papel de co-designers e co-produtores de serviços. Alguns exemplos são: uma casa onde idosos de diferentes idades vivem em comunidade compartilhando recursos e adaptando-os a suas diferentes necessidades e estilos de vida: um serviço que facilita a co-divisão entre os idosos e jovens estudantes, propiciando a esses últimos um abrigo barato e familiar e aos primeiros companhia, ajuda e suporte financeiro (MANZINI, 2008, p. 70-71).

Na concepção de Frascara (2000), a responsabilidade social do designer é um tema de extrema importância. Em seu livro *Diseño Gráfico para la Gente*, o autor nos mostra que o design de comunicação visual tem como objetivo ser um meio para abordar problemas sociais e aponta quatro áreas distintas de responsabilidade: profissional, ética, social e cultural. Expõe que o design não está preocupado com objetos, mas com o impacto que esses objetos têm sobre as pessoas.

Nos leva a refletir que o designer como identificador de problemas e dedicados a melhorar o bem-estar das pessoas precisa de um programa baseado na participação de diversas áreas, criando um diálogo produtivo sobretudo em Sociologia, Antropologia, Ciências da Educação e Marketing. Nesse sentido, a obra de Frascara destaca a necessidade de os designers atuarem de forma responsável e consciente, considerando não apenas a beleza estética de seus projetos, mas também seu impacto social e cultural. Ao compreender e valorizar estas diferenças áreas de responsabilidade, os designers podem contribuir de forma significativa para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Em face do exposto é importante compreender que o Design se destaca como um campo de possibilidades em um mundo complexo, o que nos instiga a reconsiderar conceitos antigos e buscar soluções inovadoras. Diante do impacto do envelhecimento populacional, é essencial repensar e buscar soluções inovadoras para garantir uma qualidade de vida adequada para essa parcela significativa da sociedade. Sendo assim, o design tem o poder de enfrentar esses desafios e aproveitar as oportunidades guiando-nos para um futuro mais inclusivo e sustentável.

7 CONCLUSÃO

Diante do importante fenômeno do envelhecimento populacional, a mudança na estrutura etária da população traz consigo novas demandas e desafios sociais, políticos e econômicos. A expectativa de vida aumentou no Brasil e no mundo, fazendo com que pessoas acima de 60 anos se preocupem de forma mais efetiva com a saúde e o envelhecimento saudável. Com o novo modelo de envelhecimento,



observamos que o público sênior modificou o antigo padrão de ser velho. Apesar do desgaste dos sistemas fisiológicos, os idosos precisam desenvolver e expressar interesses, vivenciando afetos e trocas por meio de oportunidades de socialização. Portanto, é crucial lidar de forma abrangente e planejada com os impactos do envelhecimento, a fim de garantir uma qualidade de vida adequada para essa significativa parcela da população. Projetos e políticas sociais e de saúde devem ser elaborados para sustentar e incentivar o envelhecimento ativo e participativo, garantindo possibilidades de manutenção no mercado de trabalho, pensões suficientes para uma vida digna e acesso à educação continuada para manter os idosos ativos e independentes. Não podemos mais ocultar o envelhecimento, mostrando para toda a sociedade a possibilidade de atividades, serviços e programas para a aprendizagem ao longo da vida com segurança criando oportunidades para novos projetos de vida.

Em relação ao design, podemos constatar seu potencial em auxiliar e propor atividades úteis, adequadas e desejáveis para o bem-estar dos idosos. Serviços centrados nos idosos podem trazer benefícios para toda a sociedade, suscitando novas e provocativas questões no debate público e privado.

O tema do envelhecimento populacional e seu impacto no design social ainda é pouco explorado, o que nos motiva a acreditar na possibilidade de estimular mais reflexões e pesquisas nessa área. Acreditamos que é fundamental abordar essa temática para promover uma velhice com qualidade de vida e bem-estar para a população idosa. Esperamos que nossas contribuições possam despertar o interesse e incentivar a realização de mais estudos e análises sobre o assunto, visando a melhoria das condições de vida dos idosos.

Nesse sentido, é necessário que o designer considere não apenas as questões estéticas e funcionais, mas também o impacto social de seus projetos. É importante ter em mente que o design vai muito além da criação de objetos, é uma forma de expressão que influencia atitudes e valores da sociedade. É fundamental que os designers estejam atentos ao seu papel de agentes de transformação e contribuam para a construção de um ambiente mais inclusivo e sustentável.

No entanto, é lamentável que as relações entre design e idosos ainda sejam pouco exploradas e recentes. Acreditamos que o design, por ser interdisciplinar e multifacetado, possui o potencial de reunir ações voltadas para a população que envelhece, trazendo contribuições para viver mais e melhor.



REFERÊNCIAS

- ABREU, M.C. Velhice: uma nova paisagem. São Paulo: ed. Ágora, 2017.
- BARROS, M.M.L. (organizadora) - Velhice ou Terceira Idade? 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006
- BEAUVOIR, Simone de. A Velhice - Tradução Maria Helena Franco Martins – 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- CAMARANO, Ana Amélia (organizadora) - Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido? - Rio de Janeiro: IPEA, 2010.
- CAMARANO, Ana Amélia (organizadora) – Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
- CARDOSO, Rafael: Design para um mundo complexo. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- CASTRO, A., CASTRO. C. – Filhas da mãe com muito orgulho: apesar da pandemia e das demências. 1 ed. São Paulo: Portal do Envelhecimento. Comunicação, 2022.
- CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto – ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DAMAZIO, Vera; PINA; Fernanda; CECCON; Marília. Design emocional para maiores de 60: contribuições para viver mais e melhor. In: Ecovisões projetuais: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil: Blucher, 2017. P. 37 – 48.
- DAMAZIO, Vera; COUTO, Rita. Social Design. The Bloomsbury Encyclopedia of Design, 2015.
- DEBERT, G. G. A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fafesp, 1999.
- DOREA, E. L. Idadismo: um mal universal pouco percebido. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2020.
- FRASCARA, J. Diseño para la Gente. Buenos Aires: Ediciones Infinito, 2000.
- FRASCARA, Jorge. Design and Social Sciences: making connections. New York: Ed. Taylor & Francis. 2002.
- GOLDENBERG, M. A Bela Velhice. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-e> Acesso em 05/03/2024.
- ILC-BRASIL. Envelhecimento ativo: Um marco político em resposta à revolução da longevidade. ILC-Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro, 2015.
- KALACHE, Alexandre – 2014 - Respondendo à revolução da longevidade <https://www.scielo.br/j/csc/a/WXch7fZ4BLFrpyTxjzz695P/?lang=pt>
- KALACHE, Alexandre. O mundo envelhece: é imperativo criar um pacto de solidariedade social. Ciênc. Saúde Coletiva 2008; 13(4): 1107-11.



KUYPER, Jan. Design é uma arte social. In: MANU, Alexander (org.). Revista da aldeia humana. Florianópolis: SENAI / LBDI, 1995.

LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, R. G., CÔRTE, B. (organizadoras) – Longevidade e Grupos: subsídios para profissionais, educadores e pesquisadores. São Paulo: Portal Edições, PUC – SP, 2021.

MANZINI, Ezio. Design: quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2017.

MANZINI, Ezio. Design para a inovação social e sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro, 2008.

MAZURATO, Thiago (organizador) – Metodologia da pesquisa científica e do trabalho científico. Petrópolis: Funepe, 2018.

MAZZAFERO, D., BERNHOEFT, R. Longevidade: os desafios e as oportunidades de reinventar. São Paulo, Évora, 2016.

NERI, A. L. (organizadora) – Qualidade de Vida e Idade Madura. 2 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999. OMS – Organização Mundial da Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília, DF: OPAS; 2005.

OMS – Organização Mundial da Saúde. Plano de Ação Internacional de Viena sobre Envelhecimento. Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, Viena 1982. OMS – Organização Mundial da Saúde. Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde (resumo). Genebra: OMS 2015. Sumário Executivo

OMS – Organização Mundial da Saúde. Envelhecimento ativo: uma política de saúde. Brasília, DF: OPAS; 2005.

PAPANEK, Victor. Design for the Real World: New York: Van Nostrand Reinhold, 1984.

PINA, Fernanda. Design, Extensão Universitária e Empreendedorismo Sênior: propostas de novos caminhos para o 50+ na universidade. 2019. 221 p. Tese de Doutorado (Doutorado em Design) – Departamento de Artes e Design. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. Rev Saúde Pública 2009;43(3):548-54.

VERAS, R. P. País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará: UERJ, 1994.

UNFPA - Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio – Fundo de População das Nações Unidas; Help Age International – 2012 - Londres.

ZANELLI, J. C.; SILVA, N. Programa de preparação para aposentadoria. Florianópolis: Insular, 1996.